

Determinantes do Desempenho Econômico das Mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense entre 1970 e 2000

Economic Performance Determinants of the West of Paraná and Santa Catarina States Mesoregions between 1970 and 2000

Lucir Reinaldo Alves*
Carlos Aguedo Nagel Paiva**

Resumo: Este artigo analisa os determinantes do desempenho econômico das mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense no período 1970-2000, analisando a distribuição das atividades econômicas e as especializações mesorregionais. Essas duas mesorregiões possuíam algumas similaridades em suas estruturas fundiárias, estruturas competitivas e padrões de organização do trabalho em 1970. Além disso, elas apresentaram desempenhos econômicos muito superiores aos apresentados pelo conjunto do Sul do Brasil no período analisado. Utilizou-se como metodologia a aplicação do método estrutural-diferencial. Os resultados apontaram que a explicação desse desempenho superior esteve atrelada às opções produtivas (especializações), no período, de cada mesorregião. Assim, de forma geral, no período 1970-2000, ambas mesorregiões se diversificaram, integraram os três macrossetores, e apresentaram uma indução de economias externas que se refletiu em melhores condições socioeconômicas, em comparação com outras mesorregiões e o próprio Sul do Brasil como um todo.

Palavras-chave: Análise regional. Mesorregiões. Desenvolvimento regional.

Abstract: This article investigates the determinants of economic performance of the mesoregions Oeste Catarinense and Oeste Paranaense in the period of 1970 to 2000, analyzing the distribution of the mesoregions' economic activities and specializations. These two mesoregions hold similarities in their agrarian and competitive structures, as well as in their standards of labor organization in the 1970s. In addition, both mesoregions showed a highly superior economical performance to that presented by the South of Brazil in the analyzed period. The study employed the Shift-Share methodology. The results showed that the productive options (specializations) of each mesoregion explain their differentiated performance in the period. Hence, in the period of 1970 to 2000, both mesoregions diversified and integrated the three macro-sectors, what reflected on better economic conditions in comparison with other mesoregions and with the South of Brazil.

Keywords: Regional analysis. Mesoregions. Regional development.

JEL Classification: O18; R12.

* Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor assistente do curso de Ciências Econômicas da Unioeste/Toledo-PR. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (Gepec) e do Grupo Dinâmicas Socioeconômicas Nacionais e Regionais Comparadas (DISENREC). E-mail: lucir_a@hotmail.com

** Economista. Pesquisador da Fundação de Economia e Estatística (FEE). Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). E-mail: carlosanpaiva@gmail.com

1 Introdução

O objetivo deste artigo é analisar os determinantes do desempenho global e setorial das mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense (Figura 1), no período 1970-2000, analisando a distribuição das atividades econômicas no decorrer desse período e comparando o desempenho dessas duas mesorregiões paranaenses com o Sul do Brasil.

A partir da década de 1950, grandes transformações ocorreram na distribuição das atividades econômicas devido à rapidez das modificações tecnológicas e à aceleração do processo de inovação, associados à flexibilização das formas de produção (HARVEY, 1994). As transformações ocorridas a partir do estilo tecnológico de produção redefiniram as bases das regiões. Da mesma forma, modificaram a forma estrutural, funcional e de articulação dos territórios. A imposição de sistemas técnicos de ordem hegemônica reconfiguraram os espaços e tornaram uns mais dinâmicos do que outros nesse processo de transformação a partir da concentração e centralização dos capitais (SANTOS, 1996).

Nesse contexto, os últimos trinta anos do século XX foram ricos em acontecimentos e transformações socioeconômicas em todo o Sul do Brasil. A rapidez das modificações tecnológicas e a aceleração do processo de inovação, associadas à flexibilização das formas de produção, alteraram a distribuição das atividades econômicas no espaço desses territórios, tornando uns mais dinâmicos do que outros nesse processo de transformação, e fazendo desse, um processo desigual.

É nessa perspectiva que se justifica as análises das desigualdades regionais, no nosso caso do Sul do Brasil. Essa região passou por um processo intenso de tecnificação e modernização das áreas rurais a partir dos anos 1970, ocasionando uma urbanização generalizada e reestruturando a base produtiva das regiões. Essas reestruturações impactaram no desenvolvimento de outros segmentos econômicos, determinando que os setores urbanos (secundário e terciário) ampliassem significativamente sua participação na produção econômica regional.

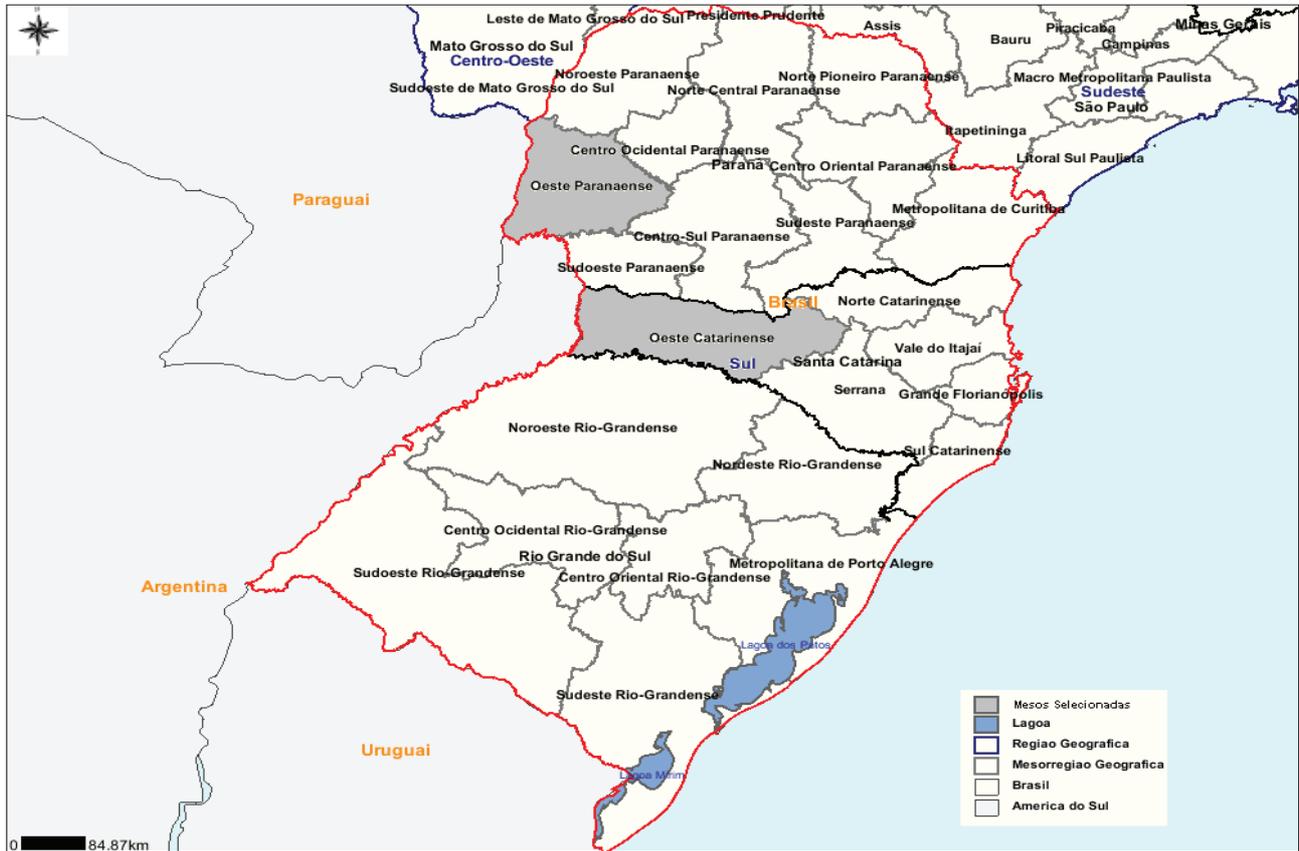


Figura 1 - Região de estudo

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006).

As duas mesorregiões analisadas tiveram suas terras ocupadas com colonos oriundos da mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Isso ocorreu, pois segundo Bernardes (1997), os descendentes dos colonos tentam manter sua identidade enquanto agricultores familiares. Assim, quando não é mais possível economicamente a subdivisão da propriedade nas regiões de colonização mais antiga (do RS), passam eles a constituir a nova vanguarda do povoamento e se deslocam para as zonas pioneiras distantes. Nesse sentido, escasseando as terras virgens no Alto Uruguai (RS), avolumam a corrente que se dirige para o Oeste de Santa Catarina e para o Sudoeste e Oeste do Paraná. Segundo Lagemann (1998), houve uma expansão das antigas colônias europeias do Rio Grande do Sul em direção ao Noroeste Rio-Grandense na última década do século XIX e primeiras décadas do século XX. O Oeste Catarinense tornou-se, então, o local da próxima expansão desse fluxo populacional, entre 1910 e 1950, e o Oeste, Sudoeste e Sudeste do Paraná a partir de 1950. Vale dizer, o maior contingente populacional dessas mesorregiões seria natural do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no caso das mesorregiões paranaenses. Aliado a isso, o processo de ocupação da mesorregião Catarinense e das duas mesorregiões paranaenses referidas se deu com características semelhantes, principalmente, na forma da distribuição fundiária assentada em pequenas propriedades familiares rurais, e a policultura como forma de exploração econômica inicial, características

essas ratificadas por diversos autores, tais como Bernardes (1997), Corrêa (1997) e Padis (2006).

Esse conjunto de semelhanças foi primordial para a escolha dessas mesorregiões para a análise. Mas, a despeito das similaridades de base, se comparamos o dinamismo socioeconômico dessas mesorregiões, no período 1970-2000, verifica-se um comportamento muito distinto entre elas, fato que poderá ser melhor visualizado nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Valores absolutos e taxas de crescimento do PIB total, população residente total e PIB *per capita* das mesorregiões Oeste Catarinense, Oeste Paranaense e do Sul do Brasil – 1970/2000

Mesorregião	PIB – TOTAL (R\$ milhões)			População Residente Total (mil pessoas)			PIB <i>per capita</i>		
	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%
Oeste-SC	1.616,87	9.956,29	515,78	744,27	1.115,38	49,86	2.172,42	8.926,39	310,90
Oeste-PR	1.259,82	9.395,28	645,76	752,43	1.138,58	51,32	1.674,34	8.251,74	392,84
Sul do Brasil	51.756,3	193.534,3	273,93	16.496,32	25.108,62	52,20	3.137,44	7.708,19	145,68

Fonte: Ipeadata (2009).

Nota: PIB = Valores em R\$1.000.000,00 de 2000, deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

A Tabela 1 apresenta os valores absolutos e as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) total, população residente total e PIB *per capita* das mesorregiões em análise, referentes aos anos de 1970 e 2000. Verifica-se que os indicadores selecionados nas duas mesorregiões apresentaram desempenho distinto e superior ao Sul do Brasil. Não que se esperassem índices de crescimento iguais, haja vista que o processo de desenvolvimento por si só é heterogêneo espacialmente, mas o grau de desigualdade das taxas de variação das distintas mesorregiões não pode deixar de surpreender. O Oeste Paranaense e o Oeste Catarinense apresentaram desempenho muito superior em relação ao PIB e ao PIB *per capita*, no período 1970-2000, se comparados ao Sul do Brasil. O crescimento da população total foi muito próximo, mas levemente inferior.

Na Tabela 2 é possível verificar o valor absoluto e as taxas de crescimento do PIB dos setores agropecuário, industrial e de serviços das mesorregiões em análise, referente aos anos de 1970 e 2000.

Conforme mostra a Tabela 2, as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense apresentaram taxas de crescimento superiores às do Sul do Brasil em todos os setores do PIB. Enquanto o Oeste Catarinense e o Oeste Paranaense apresentaram crescimento de 305,11% e 178,78%, respectivamente, no PIB agropecuário, o Sul do Brasil apresentou somente 94,77% de crescimento entre 1970 e 2000. Para o setor industrial a disparidade foi ainda maior: o sul do Brasil cresceu 435,05% e as mesorregiões analisadas apresentaram um crescimento maior do que 1.000% no caso da mesorregião catarinense, e maior do que 2.200% na mesorregião paranaense. O desempenho do PIB de serviços também foi muito maior nessas duas mesorregiões quando comparado com o Sul do Brasil.

Tabela 2 - Valor absoluto e taxas de crescimento do PIB agropecuário, industrial e de serviços das mesorregiões Oeste Catarinense, Oeste Paranaense e do Sul do Brasil – 1970/2000

Mesorregião	PIB agropecuário (R\$ milhões)			PIB industrial (R\$ milhões)			PIB serviços (R\$ milhões)		
	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%
Oeste-SC	693,68	2.810,16	305,11	377,51	4.187,19	1.009,15	545,67	2.958,95	442,26
Oeste-PR	568,86	1.585,87	178,78	159,37	3.707,82	2.226,53	531,59	4.101,59	671,57
Sul do Brasil	11.957,5	23.289,9	94,77	14.390,6	76.997,6	435,05	25.408,2	79.858,0	214,30

Fonte: Ipeadata (2009).

Nota: PIB = Valores em R\$1.000.000,00 de 2000, deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

Nesse contexto, questiona-se: quais foram os subsetores responsáveis pelo desempenho superior dos macrossetores nessas duas mesorregiões? Para facilitar a visualização, os resultados serão agregados pelos macrossetores, iniciando pelo dinamismo do setor agropecuário, passando pelo setor industrial e finalizando pelo setor de serviços. As considerações finais sumariam este artigo; porém, antes, serão apresentados a base teórica e os elementos metodológicos que darão suporte a elas.

2 Especialização e Desenvolvimento Regional

A análise deste artigo será permeada pela ideia de que o desenvolvimento de uma região está diretamente relacionado com suas opções produtivas, ou melhor, com suas especializações. Assim, é preciso ressaltar que a especialização de uma região, em um ou mais segmentos, é tida como condição de desenvolvimento desde Adam Smith. Além disso, a especialização é um importante “indício” do potencial de uma região. E qual a importância em se identificar o potencial de uma região? Quando se identifica o potencial de uma região identificam-se, também, aqueles setores que, uma vez mobilizados/fomentados, geram o maior benefício por unidade de custo.

Isso significa dizer, em primeiro lugar, que o “potencial de uma região” deve ser pensado como a capacidade da mesma em dar início e sustentação a processos de autonomia material e bem-estar crescentes dos agentes produtivos locais e de seus dependentes com base na mobilização do maior volume possível de recursos produtivos disponíveis internamente. Ou, ainda, dar início e sustentação a um processo de crescimento autopropelido, a um processo de crescimento onde os determinantes do sucesso e da competitividade de longo prazo vão sendo endogeneizados de forma crescente pelas firmas e pelos agentes produtivos locais. (PAIVA, 2004, p. 16).

Ao mesmo tempo, a especialização além de ser a manifestação da determinação primeira de “potencial”, ela é a “capacidade mobilizatória” de um determinado setor, ou seja, o poder de “multiplicação” (no espaço e no tempo) do fomento ao mesmo. Paiva (2006) acrescenta que não há uma

definição única para a categoria especialização. Entretanto, *uma interpretação equivocada é a que identifica “especialização” a “monocultura” ou “monoatividade”*. Nessa pesquisa, utilizaremos a perspectiva de que, no processo de desenvolvimento, uma região pode ser *multiespecializada*, ou seja, as economias desenvolvidas tendem à multiespecialização, em contraposição às economias estagnadas e excluídas da divisão inter-regional do trabalho (que tendem à diversificação autárquica) e às economias satelizadas (que tendem à “monoespecialização”).

Diferentemente de Adam Smith, Douglas North denomina as especializações como “modelo de base de exportação”. Porém em ambos é possível encontrar características similares em suas teorias e que são apontadas por Paiva (2006): para Smith, a passagem da relação bifuncional entre “tamanho de mercado” e “divisão do trabalho”, de uma contradição retardadora do processo de desenvolvimento, em um fator de alavancagem desse mesmo desenvolvimento só é possível através da solução exportadora. O que passa, necessariamente, por uma dupla identificação e mobilização: (a) dos segmentos internos capazes de produzir um excedente *vis-à-vis* à demanda regional; e (b) de comunidades externas aptas a demandar aquela produção excedente a um preço igual ou superior ao somatório dos custos efetivos de produção.

North [...] é o primeiro a reconhecer que a medida da eficácia da produção básica para o desenvolvimento regional é a emergência e consolidação de um amplo e *diversificado* segmento produtor de *bens não básicos* (não voltados à exportação, mas ao consumo interno) no território. Mais: segundo o autor, as demandas de insumos e de bens finais, associadas ao desenvolvimento regional da produção de bens básicos e não-básicos, devem conduzir a uma crescente *diversificação* da produção agropecuária, industrial e de serviços. O que irá se traduzir na *diversificação* e urbanização da pauta de exportação regional. Vale dizer: a diversificação é a meta e a medida do desenvolvimento (PAIVA, 2006, p. 5, grifo nosso).

Assim, em resumo, North (1961a) afirma que as regiões se desenvolvem melhor quando diversificam a pauta de produtos de exportação. Segundo o autor, os fatores mais importantes no desenvolvimento sustentado desses produtos são:

a) a *dotação natural da região* que dita seus produtos iniciais da exportação. Se essas dotações resultarem em uma vantagem comparativa tremenda em um produto que transborde outro, a consequência imediata será para que os recursos se concentrem em sua produção;

b) o *caráter do setor de exportação*. Nesse quesito, existem algumas características que influenciam significativamente no desenvolvimento do setor de exportação. Uma dessas características é a distribuição de renda regional. Quanto mais equitativo forem a distribuição de renda e fundiária, maiores serão os reflexos às demandas de bens e serviços na região. Investimentos serão induzidos e efetuados para atender essas novas demandas e novos centros de comércio se desenvolverão. Além disso, melhorias na qualificação educacional e investimentos em pesquisa serão

induzidos nessas áreas objetivando melhorar sua posição comparativa e diversificar a base econômica.

Complementando, o setor de exportação tende a refletir-se no desenvolvimento do setor de transporte, de armazenamento, de indústrias complementares e de tecnologia. Se o setor de exportação incentivar o crescimento desses setores, e se a tecnologia, os custos de transporte e as dotações de recursos regionais permitirem que estes sejam produzidos localmente, então uma urbanização e uma especialização diversificadas serão promovidas. Ao contrário, se a região não tiver condições de produzir localmente, ela poderá importar de forma mais eficiente possível esses produtos.

c) e *as mudanças nos custos de tecnologia e de transporte* que podem alterar a vantagem comparativa da região. A mudança tecnológica tende a aumentar a taxa de retorno potencial da produção de outros bens e serviços, conduzindo à exploração de novos recursos e diversificando o rol de indústrias de exportação. O desenvolvimento dos transportes auxilia positivamente na diversificação produtiva e reduz os custos de transporte, conseqüentemente nos custos de produção, aumentando a vantagem comparativa dos produtos da exportação.

North (1977b) afirma ainda que o desenvolvimento de um setor de exportação ocorre primeiramente na agricultura, mas pode se expandir para os setores industrial e de serviços. O sucesso do desenvolvimento do setor exportador resultará em um aumento da renda da região e conduzirá a:

- (1) Especialização e divisão do trabalho com ampliação do mercado regional;
- (2) O crescimento dos serviços auxiliares e indústrias subsidiárias para produzir e comercializar eficientemente o produto de exportação;
- (3) O desenvolvimento de indústrias locais para servir ao consumo local, algumas das quais podem, conduzir à ampliação da base de exportação em conseqüência da expansão dos mercados e do desenvolvimento de economias externas associadas a indústria de exportação;
- (4) Como uma conseqüência natural das condições acima, o crescimento das áreas e serviços urbanos;
- (5) Um investimento crescente na educação e na pesquisa para ampliar o potencial da região. (NORTH, 1977b, p. 341).

Assim, o crescimento regional bem-sucedido ocorre porque os desenvolvimentos iniciais no setor de exportação (especialização) levam gradualmente à diversificação da pauta de exportação (multiespecialização) e à ampliação na dimensão do mercado doméstico. Internamente, isso vai ocasionar uma variedade cada vez maior de indústrias e serviços locais, a ponto de incluir uma ampla gama de atividades econômicas. Com o sucessivo aumento das rendas, aumenta-se também o mercado interno, e a dimensão eficiente desses tipos de atividades cresce e algumas delas podem se tornar tão eficientes que podem se transformar em novas indústrias de exportação. A expansão bem-sucedida provoca um influxo de capital e de mão de obra; as proporções entre os fatores de produção modificam-se gradualmente para favorecer ainda mais a expansão contínua da região. As mudanças

na proporção de combinação de fatores, a redução de custos induzida pelos investimentos na infraestrutura e a melhoria dos padrões culturais e profissionais, conduzem a uma diversificação ainda maior e à capacidade de expandir em outras atividades econômicas (NORTH, 1961b, p. 33).

De acordo com a descrição anterior, o que sinteticamente ocorre durante o desenvolvimento do setor exportador é o que Hirschman denominou de *backward and forward linkages*, ou seja, efeitos de encadeamento para trás e para frente. De acordo com Hirschman (1961), o encadeamento para trás é fruto de um crescimento autônomo de um determinado setor (o exportador), motivado basicamente por causa de um novo investimento ou pelo aproveitamento da capacidade produtiva previamente existente. Esse encadeamento induz o crescimento de outros setores a ele relacionados, devido principalmente às pressões de demanda. Já os encadeamentos para frente, o motivo de sua ocorrência é a existência de um aumento da produção de um determinado fator que provoca a elevação da produção de outros setores em virtude do excesso de oferta do produto do setor inicial (o mesmo setor exportador). Assim, esses encadeamentos podem se transformar e formar uma cadeia produtiva regional.

Nesse sentido, Paiva (2004) ressalta que toda especialização regional deve ser pensada em sua dimensão de cadeia. Segundo o autor, as vantagens competitivas absolutas criadas pela especialização estimulam um processo de integração regional crescente das cadeias produtivas à qual pertence o produto especializado que deu início ao processo. Além disso, esse processo de especialização em cadeia presume a endogeneização dos segmentos produtores de máquinas, equipamentos e insumos (D1 do Kalecki), haja vista que essa endogeneização é a persistente redução dos custos de produção dos elos a jusante.

Hilhorst (1975) adiciona que outra característica positiva da especialização é a capacidade de causar transformações nas relações de dependência e poder, portanto, ocasionar um maior grau de interdependência regional. Assim, enquanto as relações de dependência são uma característica de integração vertical, as relações de interdependência são características da integração horizontal.

Nesse contexto, a multiespecialização produtiva (North) feita de forma equitativa tende a se refletir em uma melhor distribuição de renda (Kalecki) e empregos (divisão do trabalho de Smith), melhorando o influxo da renda, a qualidade de vida e a competição mercantil regionais. Assim, a multiespecialização regional, a integração econômica e a diversificação produtiva são três movimentos que sintetizam a divisão regional do trabalho e a ampliação dessa divisão social do trabalho dentro da reprodução ampliada do capital, culminando no desenvolvimento regional. Essa será a ideia de desenvolvimento regional utilizada neste artigo.

3 Elementos Metodológicos

Para responder aos questionamentos supracitados, optou-se por utilizar – como instrumental de análise regional – o instrumental estrutural-diferencial,

tradicionalmente conhecido como *shift and share*, para avaliar o dinamismo setorial dessas mesorregiões entre 1970 e 2000.

As variáveis utilizadas no instrumental serão: para analisar o setor primário, o valor bruto (monetário) da produção agropecuária, VBPA, disponibilizada pelos Censos Agropecuários de 1970 e 1996, tendo sido os valores de 1970 deflacionados pelo IGP-DI para o ano de 1996, tornando assim os dados comparáveis. Já, para analisar os setores secundário e terciário, a variável escolhida foi o número de pessoas ocupadas (PO) por ramos de atividades, divulgado pelos microdados dos Censos Demográficos de 1970 e 2000. Em ambos os casos, a disponibilização foi feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A descrição detalhada do método *shift and share* encontra-se no Apêndice A.

Nesse contexto, a próxima seção apresenta os resultados do setor agropecuário das mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense.

4 Dinamismos do Setor Agropecuário entre 1970 e 2000

O setor agropecuário das mesorregiões em análise, e de todo o Sul do Brasil, passou por grandes transformações estruturais e técnicas após 1970. Uma síntese desse processo é apresentada por Moreira (2004). Na interpretação do autor, os planos de desenvolvimento do Governo Federal, os famosos I e II PND, tiveram grande influência – se não a principal – nas transformações do campo. O I PND, em 1972, introduziu a vertente da modernização tecnológica, e o II PND, entre 1975 e 1979, criou e consolidou um setor industrial para a agricultura, isto é, um setor produtor e fornecedor ao campo de produtos industriais – de máquinas e equipamentos, fertilizantes e produtos agrícolas – e com implementação de uma rede de transportes, comunicações e distribuição de energia elétrica, integrou a agricultura à indústria dando origem a agroindústria moderna existente do Brasil contemporâneo.

Nas décadas de 1980 e 1990 houve continuidade nesse processo de tecnificação do complexo agroindustrial brasileiro, promovendo a autonomização das diferentes fases do processo agroindustrial como ramos especializados. O desenvolvimento do setor agroindustrial se deu a partir de efeitos de encadeamentos entre a agricultura, a indústria e o setor de serviços: a agropecuária relacionando-se à montante com as indústrias de produtos agrícolas e à jusante com as indústrias de transformação, tendo estas também demandado serviços diversos, influenciando no desenvolvimento do setor terciário. Porém, o processo de tecnificação do campo foi amplamente poupador de mão de obra, principalmente nos cultivos de grãos, que foram substituídos por tratores e equipamentos em geral.

Dados dos Censos Agropecuários apresentam o número de tratores nessas mesorregiões, e essa informação dá ideia da “dimensão” da tecnificação do campo desse território: o Oeste Catarinense apresentou um crescimento de 1.697,64% entre 1970 e 1996, e o Oeste Paranaense de 1.232,46% no mesmo período.

Outra consequência de todo esse processo de “modernização” do campo foi a redução do número de pequenos estabelecimentos rurais no período 1970-1996 nas duas mesorregiões em análise, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Número e área dos estabelecimentos rurais, por grupo de área total, por mesorregião (1996)

Mesorregião	Estabelecimento		menos de 5 Ha		5 a menos de 10 Ha		10 a menos de 20 Ha		20 a menos de 50 Ha		50 a menos de 100 Ha		100 Ha e mais	
	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)
<i>Valor Absoluto em 1996</i>														
Oeste-SC	88.265	2.163.881	11.578	33.467	18.051	133.080	32.229	449.646	20.977	612.030	3.482	230.966	1.948	704.691
Oeste-PR	56.735	1.818.237	12.046	37.257	11.401	87.381	14.262	202.326	12.409	381.081	3.647	252.732	2.970	857.460
<i>Part. % no total da mesorregião em 1996</i>														
Oeste-SC	100,00	100,00	13,12	1,55	20,45	6,15	36,51	20,78	23,77	28,28	3,94	10,67	2,21	32,57
Oeste-PR	100,00	100,00	21,23	2,05	20,10	4,81	25,14	11,13	21,87	20,96	6,43	13,90	5,23	47,16
<i>Diferença % em relação a 1970</i>														
Oeste-SC	7,39	1,62	-6,77	-15,60	32,75	34,48	29,01	29,64	-17,61	-18,77	-14,13	-14,34	16,23	13,51
Oeste-PR	-31,29	12,46	-44,11	-50,47	-43,90	-42,13	-32,50	-30,33	-20,62	-16,28	44,44	45,50	111,69	81,96

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006).

Pela Tabela 3, verifica-se que houve uma redução do número de estabelecimentos totais no Oeste Paranaense na ordem de -31,29%. Porém, apesar da diminuição dos estabelecimentos, houve aumento da área total. Este binômio – aumento da área/diminuição do número de propriedades – já expressa a tendência à elevação da área média e, por extensão, da concentração fundiária nessa mesorregião. Porém, o Oeste Catarinense apresentou crescimento do número de estabelecimentos totais, na ordem de 7,39% entre 1970 e 2000. O mais interessante é que esse aumento foi maior entre os estabelecimentos de pequeno e médio porte, de 5 a 20 ha, crescendo em média 30% o número de estabelecimentos e de área.

Ao contrário da mesorregião Oeste Catarinense, o Oeste Paranaense apresentou a maior parcela da redução de área e de estabelecimentos totais nos grupos de menores áreas. Os estabelecimentos de maiores áreas foram os que mais cresceram nessa mesorregião.

Acredita-se que essas variações no tamanho e número dos estabelecimentos estejam relacionadas às atividades que cada mesorregião se especializou nesse período. O Quadro 1 mostra quais foram as atividades que ganharam expressão relativa (medida em pontos percentuais) no valor da produção entre 1970 e 1996.

Conforme mostra o Quadro 1, entre as atividades de maior expressão nas mesorregiões Oeste/SC e Oeste/PR, o binômio milho e suínos era responsável pela maior parte do valor da produção, representando 49,90% do valor da produção no Oeste/SC e 48,62% no Oeste/PR.

Já, no período 1970-1996, a cultura da soja foi a que mais ganhou destaque na mesorregião Oeste Paranaense (de 10,99% para 34,17%). Em segundo lugar, com maior crescimento relativo, ficou a avicultura passando de 2,71% para 17,07%.

No Oeste Catarinense quem mais ganhou destaque foi a avicultura. Essa atividade passou de uma representação de 4,08%, em 1970, para 23,03%, em 1996, sendo que a suinocultura continuou sendo a atividade de maior destaque nessa mesorregião em 1996, com 31,51%.

Oeste - SC		Oeste - PR	
1970	1996	1970	1996
Prod. %	Prod. %	Prod. %	Prod. %
Suíno.....24,98	Suíno.....31,51	Milho.....28,15	Soja.....34,17
Milho.....24,92	Aves.....23,03	Suíno.....20,47	Aves.....17,07
Mandioca...9,35	Milho.....13,86	Soja.....10,99	Milho.....16,56
Leite.....8,48	Leite.....6,38	Feijão.....9,14	Suíno.....11,18
Feijão.....6,17	Maçã.....5,04	Mandioca...7,06	Leite.....6,19
Trigo.....5,91	Soja.....3,68	Leite.....5,21	Bovino.....5,37
Aves.....4,08	Fumo.....3,55	Arroz.....3,92	Trigo.....3,24
Bovino.....3,34	Bovino.....3,54	Bovino.....3,54	Mandioca...2,80
Soja.....3,04	Feijão.....3,50	Trigo.....3,45	Feijão.....0,71
Uva.....1,73	Mandioca...2,15	Aves.....2,71	Fumo.....0,68
SOMA.....91,99	SOMA.....96,23	SOMA.....94,64	SOMA.....97,97

Quadro 1 - Participação dos principais produtos da agropecuária sobre o total do valor da produção agropecuária, por mesorregião (1970/1996)

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006, 1974a, 1974b, 1974c).

Nota: O valor da produção agropecuária analisado não inclui a silvicultura e a extração vegetal.

Será a cultura da soja mais “excludente” do que a suinocultura e a avicultura, haja vista que, no Oeste Paranaense, houve uma redução dos estabelecimentos totais? Os indícios são de que essas duas últimas atividades são mais intensivas em mão de obra e menos intensivas em território, deprimindo relativamente às tendências à concentração da propriedade e ao êxodo rural. Diferentemente, as culturas de grãos, ao exigirem uma maior relação capital/trabalho e terra/trabalho, dificultam a permanência do pequeno agricultor no meio rural.

Para além da diferença no número de estabelecimentos rurais e na mudança hierárquica das atividades de maior destaque no período 1970-1996, é interessante analisar o dinamismo relativo das principais atividades agropecuárias das mesorregiões em análise. Para tanto, serão apresentados os resultados do método estrutural-diferencial.

Quanto ao dinamismo das atividades agropecuárias do Oeste Catarinense, ele está apresentado na Tabela 4, e constata-se que o VBPA total dessa mesorregião cresceu 139,81% no período 1970-1996. Com exceção do arroz, as atividades dessa mesorregião que apresentaram diminuição em seus VBPA foram as mesmas que apresentaram decréscimo na macrorregião (o Sul do Brasil) de referência, como, por exemplo, a mandioca, o trigo e a uva. As demais atividades apresentaram crescimento e em algumas esse comportamento foi significativo, como foi o caso das aves, com 1.227,39% (que passou a ocupar o segundo maior VBPA mesorregional de 1996), a maçã, com 30.025,45%, e o

fumo, com 527,21%. A suinocultura dessa mesorregião, se comparada as outras três mesorregiões, foi a única a apresentar crescimento superior a taxa de crescimento da suinocultura do Sul do Brasil, 196,72% contra 27,03%, respectivamente. Com isso, essa atividade consolidou-se como o maior VBPA, seguido das aves e do milho, atividades que formam a base das principais cadeias produtivas dessa mesorregião.

O Oeste Catarinense apresentou componente diferencial total positivo, apontando para vantagens competitivas específicas que deram a essa mesorregião um dinamismo superior se comparado com a macrorregião de referência (o Sul do Brasil). Ao lado disso, o valor da variação total absoluta não deixa de surpreender.

O saldo do componente setorial dessa mesorregião – mesmo que pequeno – foi negativo, indicando que a mesorregião não foi beneficiada por sua estrutura produtiva inicial. O valor positivo da componente setorial da avicultura foi mais do que compensado pelos valores negativos do trigo, da mandioca, do milho e do feijão. O que prevaleceu nessa mesorregião foi o expressivo número de atividades com o componente diferencial positivo. As atividades com maiores vantagens competitivas foram os suínos e as aves. A taxa de crescimento do VBPA dessas duas atividades foi muito superior à taxa de crescimento desses mesmos setores no Sul do Brasil, de 1.227,39% e 196,72% das aves e suínos, respectivamente, nessa mesorregião, em contraste com os 466,68% e 27,03% apresentados, respectivamente, nos mesmos setores, no Sul do Brasil.

Tabela 4 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária da mesorregião Oeste Catarinense (1970/1996)

Atividade	VBPA 1970 (R\$ mil)	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso
Arroz	8.827	3.332	-588	-8.644	2.927	-5.900	31,09	-66,84
Aves	26.436	9.978	113.393	201.098	350.905	324.469	466,68	1.227,39
Bovino	21.649	8.171	-1.748	25.890	53.962	32.312	29,67	149,25
Feijão	39.953	15.080	-32.218	30.559	53.375	13.422	-42,89	33,59
Fumo	8.619	3.253	12.749	29.437	54.059	45.440	185,66	527,21
Leite	54.920	20.729	937	20.645	97.231	42.312	39,45	77,04
Maçã	255	96	19.436	57.087	76.875	76.619	7.654,23	30.025,45
Mandioca	60.593	22.870	-35.591	-15.093	32.779	-27.814	-20,99	-45,90
Milho	161.452	60.939	-34.464	23.242	211.169	49.717	16,40	30,79
Soja	19.703	7.437	33.967	-5.039	56.068	36.365	210,14	184,56
Suíno	161.813	61.075	-17.344	274.583	480.126	318.313	27,03	196,72
Trigo	38.277	14.447	-45.676	-1.886	5.163	-33.114	-81,59	-86,51
Uva	11.214	4.233	-5.679	-2.163	7.604	-3.610	-12,90	-32,19
Outras	21.773	8.218	-7.750	19.460	41.701	19.928	2,15	91,53
TOTAL	635.484	239.858	-576	649.176	1.523.943	888.459	37,74	139,81

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006).

Analisando a variação total absoluta das atividades do Oeste Catarinense, verifica-se que essa mesorregião apresentou desempenhos positivos em dez das quatorze atividades analisadas. Os principais destaques foram a avicultura, suinocultura, maçã, milho, fumo e leite (quase todas especializações significativas no período). A quase totalidade dessas atividades (a exceção é o milho, um grão que *pode* ser produzido em larga escala, mas, normalmente, é produzido em consórcio com aves e suínos, em pequenas propriedades) é intensiva em mão de obra, adequadas, portanto, a estabelecimentos de pequeno e médio portes, o que ajuda a explicar o aumento do total de estabelecimentos dessa mesorregião no período 1970-1996.

Quanto ao comportamento do VBPA do Oeste Paranaense, verifica-se que o crescimento do VBPA total no período 1970-1996 foi de 117,11%, conforme a Tabela 5. Das mesorregiões em análise, foi a segunda com o maior crescimento, ficando atrás somente do Oeste Catarinense, que ampliou seu VBPA em 139,81%. Apesar de o arroz, o feijão, a maçã e a mandioca terem apresentado diminuição do VBPA, o crescimento das demais atividades foi mais que compensador, sendo o crescimento das aves, de 1.254,94%, e da soja, de 568,96%, o mais representativo.

Tabela 5 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária da mesorregião Oeste Paranaense (1970/1996)

Atividade	VBPA 1970 (R\$ mil)	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso
Arroz	18.961	7.157	-1.262	-21.573	3.283	-15.678	31,09	-82,69
Aves	13.114	4.950	56.251	103.373	177.687	164.573	466,68	1.254,94
Bovino	17.114	6.460	-1.382	33.714	55.906	38.792	29,67	226,67
Feijão	44.193	16.680	-35.636	-17.818	7.419	-36.774	-42,89	-83,21
Fumo	4.363	1.647	6.453	-5.413	7.049	2.687	185,66	61,58
Leite	25.193	9.509	430	29.244	64.375	39.182	39,45	155,53
Maçã	6	2	493	-497	5	-1	7.654,23	-19,74
Mandioca	34.158	12.893	-20.064	2.153	29.140	-5.018	-20,99	-14,69
Milho	136.130	51.381	-29.058	13.924	172.377	36.247	16,40	26,63
Soja	53.158	20.064	91.641	190.742	355.605	302.447	210,14	568,96
Suíno	99.008	37.370	-10.612	-9.441	116.324	17.316	27,03	17,49
Trigo	16.693	6.301	-19.920	30.594	33.667	16.974	-81,59	101,69
Uva	652	246	-330	562	1.129	478	-12,90	73,32
Outras	16.574	6.256	-5.899	-237	16.693	119	2,15	0,72
TOTAL	479.317	180.914	31.105	349.327	1.040.662	561.345	37,74	117,11

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006).

Porém, o que mais impressiona no Oeste Paranaense é o saldo positivo apresentado tanto pelo componente setorial quanto pelo componente diferencial. Essa foi a única mesorregião, entre as analisadas, a apresentar ambos os componentes positivos. Essa mesorregião tem uma dinâmica distinta: ela se especializou em atividades que o Sul do Brasil apresentou performances negativas, como foi o caso do trigo, por exemplo, e comportamentos acima da média “nacional” em boa parte das demais atividades. Esses resultados indicam que essa mesorregião se beneficiou de sua estrutura original, ampliando a especialização em setores em que já era especializada em 1970. A variação total absoluta da soja, das aves e do leite mostra que foram essas atividades as que mais contribuíram nesse desempenho.

Essa mesorregião se beneficiou de sua estrutura produtiva inicial, mas a base do seu desempenho está em suas vantagens competitivas. O saldo do componente diferencial foi muito superior ao do componente setorial, o que comprova essa afirmação. As atividades das aves, da soja, dos bovinos, do trigo e do leite foram as que mais se destacaram nesse desempenho.

Nesse contexto, analisando o adicional esperado de VBPA de cada mesorregião, em função do aumento do mercado/demanda interno(a) (componente nacional ou macro-regional), e o adicional efetivo (variação total absoluta), verifica-se que o melhor desempenho foi da mesorregião Oeste Catarinense, que apresentou um VBPA 3,70 vezes maior do que o esperado. No Oeste Paranaense esse desempenho foi 3,10 vezes maior do que o esperado.

5 Dinamismos do Setor Industrial entre 1970 e 2000

Boa parte da dinâmica industrial dessas duas mesorregiões está diretamente relacionada com a transformação da produção agropecuária, vale dizer, está baseada em agroindústrias. Como já apontado, esse dinamismo foi influenciado pelas políticas do Governo Federal, da década de 1970, de modernização e reorganização de agroindústrias, como as de carne, soja, entre outras, assim como pelas políticas de apoio à diversificação das exportações. Essas características possibilitaram a entrada de várias corporações transnacionais interessadas na internacionalização da agricultura brasileira, através da sua integração no projeto de desenvolvimento mundial do complexo agroindustrial por elas comandado. Nesse contexto, houve a demanda por máquinas, implementos agrícolas e insumos modernos (fertilizantes, sementes, pesticidas, etc.) estimulada durante o processo de mecanização/modernização do campo, exigindo que novas atividades industriais se desenvolvessem (BRUM, 1988; ESPÍNDOLA, 1999).

Mas não somente a dinâmica do setor agroindustrial influenciou no dinamismo industrial dessas mesorregiões. O próprio crescimento das áreas urbanas e da população total desses territórios exigiu o desenvolvimento e ampliação de muitos setores além do alimentício, como por exemplo, do vestuário, da construção civil, do mecânico, entre vários outros. Porém,

coloca-se um questionamento: quais desses setores foram mais dinâmicos nessas mesorregiões? Subsidiando argumentos iniciais à questão, a Tabela 6 apresenta os resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor industrial do Oeste Catarinense, e nota-se que essa mesorregião cresceu mais do que a média do Sul do Brasil entre 1970 e 2000. Com um crescimento no total das pessoas ocupadas no setor industrial de 349,54%, nesse período, essa mesorregião passou de 24.338 para 109.410 pessoas ocupadas. O setor que mais empregava em 2000 era a indústria de produtos alimentares, com 33.192 PO (1.001,26% de crescimento), seguida da construção civil, com 27.408 (376,16% de crescimento), e das indústrias de madeira, com 8.794 PO (4,8% de crescimento). Já, a indústria do vestuário foi a que apresentou o maior crescimento percentual, 6.629,63% no período, e empregava 5.451 pessoas em 2000.

Tabela 6 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria da mesorregião Oeste Catarinense (1970/2000)

Atividade do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Variação total absoluta	Var. % no Sul/BR	Variação % da meso
EXTRAÇÃO MINERAL								
Ext.e apar. de ped. e out. mat. cons.	306	652	-679	176	455	149	-8,68	48,69
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	0	0	503,20	0,00
Extração de carvão-de-pedra	21	45	-56	-10	0	-21	-53,27	-100,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	59	0	1.184,21	0,00
Ext. e beneficiamento de outros min.	0	0	0	0	10	0	56,42	0,00
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	14	0	-74,49	0,00
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. metalúrgica	668	1.424	59	2.591	4.742	4.074	222,00	609,88
Ind. mecânica	697	1.486	573	53	2.809	2.112	295,41	303,01
Ind. de material elétrico e de com.	33	70	131	340	574	541	608,75	1.639,39
Ind. de material de transporte	177	377	945	-852	647	470	746,99	265,54
Ind. de minerais não metálicos	784	1.671	-724	375	2.106	1.322	120,80	168,62
Ind. de borracha	4	9	7	172	191	187	381,40	4.675,00
Ind. de fumo	31	66	-29	48	116	85	119,86	274,19
Ind. de papel e papelão	1.065	2.270	-158	764	3.941	2.876	198,31	270,05
Ind. de mobiliário	1.207	2.573	381	4.154	8.315	7.108	244,77	588,90
Ind. de madeira	8.391	17.887	-15.929	-1.555	8.794	403	23,34	4,80
Ind. domiciliárias de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21,61	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	234	499	-258	14	488	254	102,75	108,55
Ind. de materiais plásticos	0	0	0	0	1.566	0	897,95	0,00
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	14	30	-16	50	77	63	96,40	450,00
Ind. têxtil	100	213	-67	918	1.164	1.064	146,22	1.064,00

conclusão...

Atividade do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Varição total absoluta	Var. % no Sul/BR	Varição % da meso
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. domiciliárias têxteis	24	51	-74	-1	0	-24	-95,08	-100,00
Ind. do vestuário	81	173	1.234	3.963	5.451	5.370	1.736,72	6.629,63
Ind. dos calçados	369	787	569	-525	1.199	830	367,31	224,93
Ind. de bebidas e álcoolis	206	439	-433	349	561	355	3,08	172,33
Ind. editorial e gráfica	198	422	126	719	1.465	1.267	276,88	639,90
Ind. de prod. farmac. e medicinais	59	126	2	-26	161	102	217,33	172,88
Ind. química	40	85	3	6	134	94	220,85	235,00
Ind. de produtos alimentares	3.014	6.425	669	23.084	33.192	30.178	235,36	1.001,26
Outras classes da indústria de transf.	314	669	551	-153	1.381	1.067	388,57	339,81
CONSTRUÇÃO CIVIL	5.756	12.270	-674	10.056	27.408	21.652	201,46	376,16
SIUP								
Prod. e dist. de energia elétrica e gás.	466	993	-681	630	1.408	942	66,93	202,15
Abast. de água e serviço de esgoto	79	168	197	547	992	913	463,08	1.155,70
TOTAL DA INDÚSTRIA	24.338	51.881	-14.331	45.883	109.410	83.433	213,17	349,54

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2005, 2002).

No geral, o Oeste Catarinense apresentou taxas de crescimento maiores do que os setores do Sul do Brasil, com maiores taxas de crescimento, ou seja, especializou-se em setores que “nacionalmente” tiveram bons desempenhos. Tanto que nenhum setor industrial dessa mesorregião apresentou taxas negativas, com exceção das indústrias de extração de carvão-de-pedra e das indústrias domiciliárias têxteis, que tinham um pequeno número de pessoas ocupadas em 1970, e nenhuma pessoa ocupada em 2000.

O Oeste Paranaense apresentou crescimento de 395,82% no número de pessoas ocupadas no setor industrial entre 1970 e 2000, passando de 16.416 para 81.394. Dos setores que mais ocupavam pessoas em 2000, destacavam-se o setor da construção civil, com 29.925 PO, as indústrias de produtos alimentares, com 15.900 PO, as indústrias do mobiliário, com 5.413 PO, e as indústrias de vestuário, com 5.246 PO. Essa última foi a que apresentou o maior crescimento percentual no período, com 32.687,50%, seguida de abastecimento de água e serviço de esgoto, com 6.738,46%, e das indústrias de materiais plásticos, com 5.112,50%. Porém, a última pouco se destacou na ocupação total de pessoas.

O Oeste Paranaense apresentou crescimento da população industrial 85% superior ao esperado (componente “nacional”). A estrutura industrial inicial dessa região não teve participação nesse crescimento. Isso ocorreu fundamentalmente pelo desempenho negativo da indústria madeireira, a maior especialização no ano de 1970, com taxa de crescimento de -47,82% entre 1970 e 2000, bem diferente da macrorregião onde a taxa de crescimento desse mesmo setor foi de 23,34%.

Tabela 7 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria da mesorregião Oeste Paranaense (1970/2000)

Atividade do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Varição total absoluta	Var. % no Sul/BR	Varição % da meso
EXTRAÇÃO MINERAL								
Ext.e apar. de ped. e out. mat. cons.	117	249	-260	387	494	377	-8,68	322,22
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	14	0	503,20	0,00
Extração de carvão-de-pedra	15	32	-40	-7	0	-15	-53,27	-100,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	8	0	1.184,21	0,00
Ext. e beneficiamento de outros min.	0	0	0	0	69	0	56,42	0,00
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	0	0	-74,49	0,00
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. metalúrgica	372	793	33	2.599	3.797	3.425	222,00	920,70
Ind. mecânica	136	290	112	971	1.509	1.373	295,41	1.009,56
Ind. de material elétrico e de com.	18	38	71	359	487	469	608,75	2.605,56
Ind. de material de transporte	66	141	352	266	825	759	746,99	1.150,00
Ind. de minerais não metálicos	1.223	2.607	-1.130	265	2.965	1.742	120,80	142,44
Ind. de borracha	14	30	24	126	193	179	381,40	1.278,57
Ind. de fumo	18	38	-17	53	93	75	119,86	416,67
Ind. de papel e papelão	17	36	-3	241	292	275	198,31	1.617,65
Ind. de mobiliário	861	1.835	272	2.445	5.413	4.552	244,77	528,69
Ind. de madeira	6.041	12.878	-11.468	-4.299	3.152	-2.889	23,34	-47,82
Ind. domiciliárias de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21,61	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	23	49	-25	149	196	173	102,75	752,17
Ind. de materiais plásticos	8	17	55	337	417	409	897,95	5.112,50
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	3	6	-4	25	31	28	96,40	933,33
Ind. têxtil	82	175	-55	795	997	915	146,22	1.115,85
Ind. domiciliárias têxteis	0	0	0	0	0	0	-95,08	0,00
Ind. do vestuário	16	34	244	4.952	5.246	5.230	1.736,72	32.687,50
Ind. dos calçados	65	139	100	83	387	322	367,31	495,38
Ind. de bebidas e álcoois	107	228	-225	117	227	120	3,08	112,15
Ind. editorial e gráfica	124	264	79	1.510	1.977	1.853	276,88	1.494,35
Ind. de prod. farmac. e medicinais	33	70	1	398	503	470	217,33	1.494,24
Ind. química	23	49	2	336	410	387	220,85	1.682,21
Ind. de produtos alimentares	1.517	3.234	337	10.813	15.900	14.383	235,36	948,12
Outras classes da indústria de transf.	189	403	332	373	1.296	1.107	388,57	585,71
CONSTRUÇÃO CIVIL	5.178	11.038	-606	14.315	29.925	24.747	201,46	477,93

continua...

conclusão...

Atividade do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Variação total absoluta	Var. % no Sul/BR	Variação % da meso
SIUP								
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	124	264	-181	2.586	2.793	2.669	66,93	2.152,42
Abast. de água e serviço de esgoto	26	55	65	1.632	1.778	1.752	463,08	6.738,46
TOTAL DA INDÚSTRIA	16.416	34.994	-11.934	41.827	81.394	64.887	213,17	395,82

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2005, 2002).

O componente diferencial elevado mostra que essa mesorregião soube aproveitar suas vantagens competitivas do setor industrial. Os setores que mais contribuíram nessa performance, ou seja, que apresentaram melhores vantagens competitivas, foram da construção civil, das indústrias de produtos alimentares e da indústria do vestuário. As indústrias de produtos alimentares eram uma das especializações em 2000. Os setores dos serviços industriais de utilidade pública juntamente com as indústrias de produtos farmacêuticos e veterinários completavam o rol de especializações nesse ano. Esse grupo de setores também contribuiu no desempenho da mesorregião com taxas acima da média "nacional". Deve-se destacar que o crescimento na população ocupada dos serviços industriais de utilidade pública (especializações com alto valores absolutos de QL), no Oeste Paranaense, esteve diretamente relacionado com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu concretizada na década de 1980, sendo a sede da Usina localizada no município de Foz do Iguaçu.

Conforme mostra a variação total absoluta, um dos setores que mais contribuiu no desempenho mesorregional foi o setor das indústrias de produtos alimentares. Essa mesorregião tem uma particularidade apontada por Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2000): a ação cooperativada da economia local especializada na produção de aves e suínos, e também no leite, com alto nível tecnológico e forte integração agroindustrial. Cerca de 50% dos produtores cooperativados do Estado do Paraná, em 1996, estavam localizados e distribuídos pela maioria dos municípios do Oeste Paranaense.

No geral, todos os setores, com exceção da indústria madeireira, apresentaram taxas de crescimento significativas e superiores as apresentadas, nos mesmos setores no Sul do Brasil. O comportamento do conjunto desses setores, e em especial das indústrias de produtos alimentares e da construção civil, proporcionaram o desempenho positivo do setor industrial no Oeste Paranaense.

A diferença entre a variação total absoluta e o componente nacional mostra que o melhor desempenho industrial foi da mesorregião Oeste Paranaense, que apresentou um incremento de pessoas ocupadas 1,85 vezes maior do que o esperado, seguido do Oeste Catarinense, onde esse desempenho foi de 1,61 vezes.

6 Dinamismos do Setor de Serviços entre 1970 e 2000

O setor de serviços dessas mesorregiões foi influenciado tanto pelo aumento populacional ocorrido no período 1970-2000 e da crescente urbanização, como pelos efeitos de encadeamentos do desenvolvimento dos setores primário e secundário.

Conforme a Tabela 8, o setor de serviços do Oeste Catarinense passou de um total de 41.863 pessoas ocupadas, em 1970, para 236.005 em 2000, ou seja, 463,76% de crescimento, bem superior ao da macrorregião. A estrutura de serviços do Oeste Catarinense era uma das mais diversificadas (multiespecializada) em 1970, mesmo assim essa estrutura *não* foi responsável pelo desempenho mesorregional, confirmado pelo saldo negativo do componente setorial. Por um lado, sua estrutura inicial do setor de serviços era restrita a poucas atividades. Por outro, o desenvolvimento dos setores agropecuário e industrial, além da urbanização ocorrida no período exigiu que outros setores se desenvolvessem, principalmente aqueles ligados diretamente à prestação de serviços das agroindústrias da mesorregião e ao processo de comercialização por elas comandado. Isso é comprovando pelo aumento no número de especializações, passando de 18 para 21 no período.

O saldo do componente diferencial dessa mesorregião foi positivo e elevado (99.507 PO). Vantagens competitivas, principalmente dos subsetores do comércio de mercadorias, da prestação de serviços e dos transportes, comunicação e armazenagem, explicaram o desempenho positivo do setor terciário da mesorregião catarinense. A grande maioria das atividades terciárias dessa mesorregião apresentou taxas de crescimento superiores se comparadas aos mesmos setores do Sul do Brasil. Assim, *suas especializações se deram em setores de grande dinamismo*.

Essa mesorregião consolidou-se na especialização das atividades de aves e suínos no período 1970-2000, e o desempenho positivo apresentado por essas atividades, nesse lapso de tempo, e os efeitos de encadeamento surgidos a partir dele foram a base do desempenho dos três macrossetores analisados do Oeste Catarinense.

Tabela 8 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor de serviços da mesorregião Oeste Catarinense (1970 e 2000)

Atividade do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	165	455	171	792	1.583	1.418	379,65	859,39
Comércio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	3.581	9.884	-6.244	8.528	15.749	12.168	101,63	339,79

continua...

continuação...

Atividade do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Com. de tecidos e art. de tecidos, art. do vest. e armarinho	1.563	4.314	-2.307	2.062	5.632	4.069	128,43	260,33
Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornament.	28	77	17	768	891	863	337,78	3.082,14
Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	61	168	-31	681	880	819	225,63	1.342,62
Comércio de ferragens, louças, mat. de const. e prod. metal.	262	723	641	2.384	4.010	3.748	520,58	1.430,53
Comércio de máquinas, aparelhos, inst., etc.	377	1.041	654	3.615	5.686	5.309	449,39	1.408,22
Comércio de combustíveis e lubrificantes	462	1.275	255	1.289	3.281	2.819	331,23	610,17
Feiras e mercados	17	47	457	1.427	1.948	1.931	2.962,66	11.358,82
Outras atividades do comércio de mercadorias	2.390	6.596	2.183	714	11.883	9.493	367,33	397,20
Prestação de serviços								
Serviço de alojamento	954	2.633	-1.238	-870	1.479	525	146,23	55,03
Serviço de alimentação	460	1.270	5.497	3.068	10.294	9.834	1.470,93	2.137,83
Serviço de higiene pessoal	1.527	4.215	-2.805	1.626	4.562	3.035	92,29	198,76
Serv. de confec. sob medida, cons. e rep. de artigos do vest.	2.093	5.777	-6.771	-560	539	-1.554	-47,50	-74,25
Serviços de cons., reparação e inst. de máquinas e veículos	502	1.386	3.577	3.226	8.691	8.189	988,60	1.631,27
Serviços de conservação de edifícios	498	1.374	-1.088	280	1.064	566	57,49	113,65
Serviços domésticos	26	72	3.434	31.360	34.891	34.865	13.482,46	134.096,15
Outras classes da prestação de serviços	5.555	15.332	-18.720	1.384	3.551	-2.004	-60,09	-36,08
Transportes, comunicações e armazenagem								
Transportes à tração e condução animal	132	364	-431	-60	5	-127	-50,59	-96,21
Transportes rodoviários	4.016	11.084	-2.895	8.869	21.074	17.058	203,91	424,75
Transportes ferroviários	446	1.231	-1.594	-78	5	-441	-81,44	-98,88
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	27	75	-79	9	32	5	-15,69	18,52
Transportes aéreos	12	33	-19	15	41	29	114,29	241,67
Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	198	546	-422	-12	311	113	62,90	57,07
Telefones	81	224	242	122	668	587	574,52	724,69
Armazenagem	62	171	-155	104	182	120	26,01	193,55
Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem	20	55	175	4.876	5.126	5.106	1.152,13	25.530,00

continua...

continuação...

Atividade do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Atividades sociais								
Ensino público	5.505	15.194	-9.470	330	11.559	6.054	103,98	109,97
Ensino particular	385	1.063	2.645	6.184	10.276	9.891	962,94	2.569,09
Previdência social	56	155	-147	303	367	311	13,99	555,36
Assistência e beneficência	25	69	141	984	1.219	1.194	838,14	4.776,00
Sindicatos e associações de classe	30	83	0	184	297	267	275,80	890,00
Assistência médico-hospitalar pública	80	221	163	1.274	1.738	1.658	479,98	2.072,50
Assistência médico-hospitalar particular	699	1.929	1.992	346	4.966	4.267	560,96	610,44
Advocacia e atividades auxiliares	69	190	636	609	1.505	1.436	1.198,12	2.081,16
Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	62	171	301	-189	345	283	761,65	456,45
Odontologia e atividades auxiliares	266	734	76	-75	1.001	735	304,41	276,32
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	42	116	158	-142	174	132	652,98	314,29
Contabilidade e atividades auxiliares	914	2.523	-897	-199	2.340	1.426	177,84	156,02
Outras atividades sociais	782	2.158	698	251	3.889	3.107	365,25	397,31
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça								
Poder legislativo	7	19	24	163	214	207	624,80	2.957,14
Justiça e atividades auxiliares	385	1.063	-73	-180	1.195	810	257,04	210,39
Serviço administrativo federal	253	698	-383	456	1.024	771	124,51	304,74
Serviço administrativo estadual	369	1.018	-551	672	1.508	1.139	126,62	308,67
Serviço administrativo municipal	735	2.029	2.862	4.693	10.318	9.583	665,37	1.303,81
Outras classes e classe mal definida	1.083	2.989	-3.288	-704	80	-1.003	-27,60	-92,61
Defesa nacional e segurança pública								
Exército	215	593	-582	476	702	487	5,17	226,51
Marinha de guerra	0	0	0	0	0	0	56,93	0,00
Aeronáutica	3	8	-8	-3	0	-3	6,11	-100,00
Polícia militar	410	1.132	-983	1.032	1.590	1.180	36,14	287,80
Polícia civil	139	384	-187	256	592	453	141,66	325,90
Corpo de bombeiros	46	127	-32	49	190	144	206,91	313,04
Outras organizações de segurança	119	328	-301	308	454	335	22,76	281,51
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Comércio de imóveis	46	127	34	438	645	599	349,40	1.302,17
Comércio de títulos e moedas	20	55	-70	1	6	-14	-74,66	-70,00
Bancos e casas bancárias	744	2.053	-1.110	846	2.533	1.789	126,79	240,46
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	21	58	-71	59	67	46	-63,41	219,05

conclusão...

Atividade do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Seguros e capitalização	35	97	11	262	404	369	306,63	1.054,29
Outras atividades do comércio de imóveis	10	28	-14	-1	23	13	135,63	130,00
Outras Atividades	2.793	7.709	15.018	5.207	30.726	27.933	813,69	1.000,11
SETOR SECUNDÁRIO	41.863	115.543	-20.908	99.507	236.005	194.142	276,00	463,76

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2002).

A mesorregião Oeste Paranaense foi a que apresentou o maior crescimento no número de pessoas ocupadas do setor terciário, com 691,85%, passando de 39.546, em 1970, para 313.145 em 2000 (Tabela 9). Essa mesorregião apresentou o maior valor absoluto no saldo da componente diferencial, onde a maioria das atividades apresentou valores positivos nesse componente. Partindo de uma estrutura de serviços pouco favorável, essa mesorregião se especializou em setores competitivos.

Tabela 9 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor de serviços da mesorregião Oeste Paranaense (1970 e 2000)

Atividade do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	378	1.043	392	1.135	2.948	2.570	379,65	679,89
Comércio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	5.619	15.509	-9.798	4.528	15.858	10.239	101,63	182,22
Com. de tecidos e art. de tecidos, art. do vest. e armarinho	1.507	4.159	-2.224	3.808	7.250	5.743	128,43	381,09
Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornament.	51	141	32	1.373	1.596	1.545	337,78	3.029,41
Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	113	312	-57	826	1.194	1.081	225,63	956,64
Comércio de ferragens, louças, mat. de const. e prod. metal.	305	842	746	3.697	5.590	5.285	520,58	1.732,79
Comércio de máquinas, aparelhos, inst., etc.	534	1.474	926	7.121	10.055	9.521	449,39	1.782,96
Comércio de combustíveis e lubrificantes	574	1.584	317	2.189	4.664	4.090	331,23	712,54
Feiras e mercados	14	39	376	2.976	3.405	3.391	2.962,66	24.221,43
Outras atividades do comércio de mercadorias	2.597	7.168	2.372	16.536	28.673	26.076	367,33	1.004,08
Prestação de serviços								
Serviço de alojamento	908	2.506	-1.178	2.518	4.754	3.846	146,23	423,57
Serviço de alimentação	416	1.148	4.971	8.636	15.171	14.755	1.470,93	3.546,88

continua...

continuação...

Atividade do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Prestação de serviços								
Serviço de higiene pessoal	1.606	4.433	-2.950	3.131	6.219	4.613	92,29	287,24
Serv. de confec. sob medida, cons. e rep. de artigos do vest.	1.998	5.515	-6.464	2.638	3.687	1.689	-47,50	84,53
Serviços de cons., reparação e inst. de máquinas e veículos	368	1.016	2.622	7.190	11.196	10.828	988,60	2.942,39
Serviços de conservação de edifícios	561	1.548	-1.226	735	1.619	1.058	57,49	188,59
Serviços domésticos	34	94	4.490	40.817	45.435	45.401	13.482,46	133.532,35
Outras classes da prestação de serviços	4.555	12.572	-15.350	2.735	4.512	-43	-60,99	-0,94
Transportes, comunicações e armazenagem								
Transportes à tração e condução animal	97	268	-317	1.062	1.110	1.013	-50,59	1.044,33
Transportes rodoviários	4.210	11.628	-3.035	9.317	22.112	17.902	203,91	425,23
Transportes ferroviários	39	108	-139	18	25	-14	-81,44	-35,90
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	106	293	-309	-33	56	-50	-15,69	-47,17
Transportes aéreos	32	88	-52	84	153	121	114,29	378,13
Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	97	268	-207	288	446	349	62,90	359,79
Telefones	60	166	179	1.317	1.722	1.662	574,52	2.770,00
Armazenagem	63	174	-157	92	171	108	26,01	171,43
Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem	72	199	631	6.370	7.272	7.200	1.152,13	10.000,00
Atividades sociais								
Ensino público	3.305	9.122	-5.685	8.128	14.870	11.565	103,98	349,92
Ensino particular	447	1.234	3.071	4.811	9.562	9.115	962,94	2.039,15
Previdência social	36	99	-94	218	259	223	13,99	619,44
Assistência e beneficiência	3	8	17	2.057	2.085	2.082	838,14	69.400,00
Sindicatos e associações de classe	22	61	0	264	347	325	275,80	1.477,27
Assistência médico-hospitalar pública	90	248	184	1.579	2.101	2.011	479,98	2.234,44
Assistência médico-hospitalar particular	317	875	903	3.447	5.542	5.225	560,96	1.648,26
Advocacia e atividades auxiliares	99	273	913	485	1.770	1.671	1.198,12	1.687,88
Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	77	213	374	-98	565	488	761,65	633,77
Odontologia e atividades auxiliares	156	431	44	759	1.390	1.234	304,41	791,03
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	26	72	98	-23	173	147	652,98	565,38

continua...

conclusão...

Atividade do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Contabilidade e atividades auxiliares	1.065	2.939	-1.045	-220	2.739	1.674	177,84	157,18
Outras atividades sociais	599	1.653	535	3.003	5.790	5.191	365,25	866,61
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça								
Poder legislativo	11	30	38	372	452	441	624,80	4.009,09
Justiça e atividades auxiliares	207	571	-39	967	1.706	1.499	257,04	724,15
Serviço administrativo federal	246	679	-373	520	1.072	826	124,51	335,77
Serviço administrativo estadual	169	466	-252	1.336	1.719	1.550	126,62	917,16
Serviço administrativo municipal	513	1.416	1.997	7.772	11.698	11.185	665,37	2.180,31
Outras classes e classe mal definida	548	1.512	-1.664	-397	0	-548	-27,60	-100,00
Defesa nacional e segurança pública								
Exército	851	2.349	-2.305	864	1.759	908	5,17	106,70
Marinha de guerra	38	105	-83	32	92	54	56,93	142,11
Aeronáutica	57	157	-154	20	80	23	6,11	40,35
Polícia militar	175	483	-420	831	1.069	894	36,14	510,86
Polícia civil	308	850	-414	443	1.187	879	141,66	285,39
Corpo de bombeiros	0	0	0	0	140	0	206,91	0,00
Outras organizações de segurança	89	246	-225	-96	13	-76	22,76	-85,39
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Comércio de imóveis	171	472	126	267	1.035	864	349,40	505,26
Comércio de títulos e moedas	4	11	-14	67	68	64	-74,66	1.600,00
Bancos e casas bancárias	577	1.593	-861	1.440	2.749	2.172	126,79	376,43
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	4	11	-14	42	43	39	-63,41	975,00
Seguros e capitalização	28	77	9	645	759	731	306,63	2.610,71
Outras atividades do comércio de imóveis	13	36	-18	137	168	155	135,63	1.192,31
Outras atividades	2.381	6.572	12.802	11.495	33.250	30.869	813,69	1.296,47
SETOR SECUNDÁRIO	39.546	109.148	-17.960	182.271	313.145	273.459	276,00	691,85

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2002).

Todas as atividades do comércio de mercadorias, da prestação de serviços, do comércio de imóveis e a grande maioria das demais apresentaram taxas de crescimento bem superiores às apresentadas pelos mesmos setores no Sul do Brasil. Isso explica, em parte, o aumento do número de especializações em 2000 nessa mesorregião. É impressionante o desempenho do setor terciário dessa mesorregião no período 1970-2000. Foi a mesorregião que apresentou melhores vantagens competitivas no setor terciário, entre as mesorregiões analisadas, fato confirmado pelo saldo positivo e significativamente elevado do componente diferencial, que foi de 182.271 PO, superior as 99.507 PO do Oeste Catarinense.

Mesmo tendo se consolidado na especialização da cultura da soja, o desempenho crescente e positivo das atividades de aves e suínos do Oeste Paranaense deu a essa mesorregião uma performance distinta. *As indústrias de produtos alimentares ligadas aos segmentos da soja, milho, aves e suínos estão na base desse desempenho.* Além disso, não se pode esquecer a influência causada pela construção de Itaipu, bem como pelo desenvolvimento do turismo-comercial dos municípios lindeiros ao lago de Itaipu, e é claro, pelo polo turístico de Foz do Iguaçu, devido à existência do Parque Nacional do Iguaçu, das Cataratas e de Itaipu, sem contar que esse município é centro comercial de fronteira. Essas características dão a essa mesorregião particularidades no seu desenvolvimento socioeconômico.

Assim, no geral, as duas mesorregiões em análise partiram de uma estrutura de serviços limitada e apresentaram desempenhos significativos devido às suas capacidades competitivas, especializando-se em setores dinâmicos que apresentaram altas taxas de crescimento no período 1970-2000. O Oeste Paranaense foi a mesorregião que mais excedeu o esperado de crescimento (variação total absoluta / componente “nacional”), cerca de 2,51 vezes a mais que o esperado. No Oeste Catarinense, esse número foi de 1,68 vezes.

Assim, a Tabela 10 apresenta os resultados do coeficiente de reestruturação para as mesorregiões em análise.

Tabela 10 – Coeficiente de reestruturação das mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense (1970/2000)

Setor	Oeste Catarinense	Oeste Paranaense
Agropecuária	0,3282	0,4015
Indústria	0,3205	0,3730
Serviços	0,4186	0,4283

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos resultados da pesquisa.

Percebe-se, pela Tabela 10, que o setor que mais se reestruturou foi o de serviços. Em ambas as mesorregiões analisadas, esse setor apresentou grandes mudanças na hierarquia das atividades que mais participavam da concentração de mão de obra. Em segundo e terceiro lugares, com mais mudanças, ficaram os setores da agropecuária e da indústria, respectivamente, em ambas as mesorregiões. Essas informações mostram que houve uma diversificação setorial ao longo do tempo nesses dois setores, corroborando os resultados dos demais indicadores analisados neste artigo.

7 Considerações Finais

O escopo deste artigo foi analisar os determinantes dos desempenho econômico global e setorial de mesorregiões selecionadas do Brasil Meridional, quais sejam: as mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense, no período 1970-2000.

Conforme mostraram os resultados no modelo estrutural-diferencial, verificou-se que, a despeito da similaridade de suas estruturas originais, ao longo do tempo essas duas mesorregiões se especializaram em segmentos e setores produtivos distintos, que apresentaram dinâmismos distintos, e essas diferenças de dinamismo nos setores motrizes das economias regionais consideradas estão na base da dinâmica global distinta dessas mesorregiões. E isso, fundamentalmente, porque os efeitos de encadeamento dos setores motrizes dessas mesorregiões foram diferenciados. O Oeste Paranaense e o Oeste Catarinense, que tinham, em 1970, uma produção agropecuária mais diversificada, com uma participação expressiva da pecuária de pequenos animais, aprofundaram esse perfil peculiar de especialização no período analisado, cujos efeitos se imporão no desempenho dos setores secundário e terciário.

As indústrias de produtos alimentares foram as que mais se destacaram, em geração de emprego no Oeste Catarinense, seguidas da construção civil. No Oeste Paranaense esses dois setores também foram representativos, mas a construção civil estava na primeira colocação. De outro lado, apesar do Oeste Paranaense ter aprofundado a especialização na cultura da soja, ele não aprofundou apenas sua dedicação à soja, mas também à pecuária suína e avícola, diversificando sua agropecuária. No Oeste Catarinense, a agroindustrialização da pecuária de pequenos e médios animais, bem como a diversificação da agropecuária, também foram o carro-chefe dos seus dinâmismos.

Assim essas duas mesorregiões apresentaram um desempenho setorial e global favorável. O Oeste Paranaense ficou em melhores posições, principalmente quando se analisa o setor terciário. A diversificação produtiva, confirmada pelo coeficiente de reestruturação, existente nessas mesorregiões contribuiu, e muito, para esses comportamentos positivos. Assim, a diversificação e multiespecialização produtivas devem ser objetivos que as regiões devem buscar durante o seu processo de desenvolvimento.

Enfim, as opções produtivas dessas mesorregiões, principalmente do setor agropecuário, que, no ano de 2000, eram suínos, aves e milho, no Oeste Catarinense, e soja, aves, milho e suínos, no Oeste Paranaense, e a indução de economias externas (caracterizadas principalmente pelas indústrias de produtos alimentares nessas mesorregiões), e dos efeitos de encadeamentos nos três macrossetores, foram as principais explicações do desempenho econômico mesorregional. Assim, no período 1970-2000, houve uma melhor diversificação e integração dos macrossetores do Oeste Catarinense e Oeste Paranaense. Portanto, esse artigo reforça a ideia de que quanto mais diversificada (multiespecializada) for uma região, melhor será o resultado do desenvolvimento para toda a economia, e as autarquias, em todas as suas esferas, devem trabalhar nesse sentido.

Referências

BERNARDES, N. *Bases geográficas do povoamento do estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Editora da Unijuí, 1997.

- BRUM, A. J. *Modernização da agricultura: trigo e soja*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- ESPÍNDOLA, C. J. *As agroindústrias no Brasil: o caso da Sadia*. Chapecó: Grifos, 1999.
- HADDAD, P. R. (Org.). *Economia regional: teoria e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989.
- _____. Padrões regionais de crescimento do emprego industrial de 1950 a 1970. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 3-45, jan./mar. 1977.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- HILHORST, J. G. M. *Planejamento regional: enfoque sobre sistemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- HIRSCHMAN, A. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Econômica, 1961.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Banco de dados agregados – SIDRA*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 ago. 2006.
- _____. *Censo demográfico 1970: microdados, Paraná – Santa Catarina – Rio Grande do Sul; questionário da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. 1 CDROM
- _____. *Censo demográfico 2000: microdados, Paraná – Santa Catarina – Rio Grande do Sul; questionário da amostra*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 1 CDROM
- _____. *Censo agropecuário: Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1974a. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Nacional, v. III, Tomo XXI).
- _____. *Censo agropecuário: Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, 1974b. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. III, Tomo XIX).
- _____. *Censo agropecuário: Santa Catarina*. Rio de Janeiro: IBGE, 1974c. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. III, Tomo XX).
- IPEADATA. *Dados macroeconômicos e regionais*. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2009.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais – Sul*. Brasília: IPEA, 2000.
- LAGEMANN, E. Formação sócio-econômica da região Sul do Brasil. *Estudos do CEPE*, Santa Cruz do Sul, n. 7/8, p. 105-143, jan./dez. 1998.
- LODDER, C. A. Padrões locacionais e desenvolvimento regional. *Revista Brasileira de Economia*, v. 28, n. 1, p. 3-128, jan./mar. 1974.

MOREIRA, R. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Org.). *Brasil século XXI por uma nova regionalização: agentes, processos e escalas*. São Paulo: Max Lomonad, 2004. p. 123-152.

NORTH, D. C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977a.

_____. A agricultura no crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977b.

_____. *The economic growth of the United States 1790-1860*. Washington-USA: Prentice-Hall, 1961a.

_____. Alguns problemas teóricos a respeito do crescimento econômico regional. *Revista Brasileira de Economia*, n. 3, p. 25-38, set. 1961b.

PADIS, P. C. *Formação de uma economia periférica: o caso paranaense*. 2 ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

PAIVA, C. A. N. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. *Indicadores Econômicos*. Porto Alegre: FEE, v. 34, n. 1. jan./mar. 2006.

_____. Demanda Efetiva, Exportações e Desenvolvimento Regional. (ou: Smith, Kalecki e North e os fundamentos de uma teoria do desenvolvimento de regiões periféricas em transição para o capitalismo). In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA. *Anais...* Sociedade Brasileira de Economia Política, Uberlândia (MG), jun. 2004.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, J. C. C. A análise de componentes de variação (shift-share). In: COSTA, José Silva. *Compêndio de economia regional*. Coimbra, Portugal: APDR, 2002.

Apêndice A - Método Estrutural-Diferencial (Shift And Share) e Coeficiente de Reestruturação Setorial

Em primeiro lugar devem-se considerar as seguintes definições:

PO_{ij} = Pessoas Ocupadas, ou o VBPA, no setor i da mesorregião j ;

PO_{ij} = Total de Pessoas Ocupadas, ou o VBPA total, na mesorregião j ;

PO_{it} = Pessoas Ocupadas, ou o VBPA, do setor i no Sul do Brasil;

PO_{it} = Total de Pessoas Ocupadas, ou o VBPA total, no Sul do Brasil.

O método estrutural-diferencial de análise do crescimento econômico regional é tradicionalmente conhecido como modelo *shift and share*. Esse método divide a variação (crescimento) na produção (ou no produto, ou no

emprego etc) de uma determinada atividade em três componentes: componente nacional ou macrorregional, componente setorial ou proporcional e componente diferencial ou regional, conforme apresentam Haddad (1977), Haddad (1989), Lodder (1974) e Silva (2002).

A componente (ou variação) macrorregional (R) é quanto teria variado o valor da produção no setor “x” qualquer se o mesmo tivesse crescido à taxa média do macrossetor de referência (que pode ser toda a economia, ou a agropecuária, ou a indústria, ou os serviços) na macrorregião de referência. A equação 2 apresenta sua forma de cálculo.

$$R = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{tt} - 1) \quad (1)$$

Onde

$$r_{tt} = PO_{tt}^{T1} / PO_{tt}^{T0}$$

O componente setorial, ou proporcional (P), é a diferença entre a variação do setor específico (por exemplo: o setor soja *vis-à-vis* a agropecuária como um todo; ou o setor agropecuária *vis-à-vis* a economia como um todo) na macrorregião de referência e a variação agregada da mesma macrorregião, multiplicada pela produção (ou seu índice) em cada setor na mesorregião sob análise no início do período. O somatório dessas diferenças vai esclarecer se a estrutura produtiva inicial da mesorregião sob análise sobre o desempenho da economia – vale dizer: se sua especialização setorial inicial – favoreceu (valores positivos) ou prejudicou (valores negativos) o desempenho de sua economia.

$$P = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{it} - r_{tt}) \quad (2)$$

Onde

$$r_{it} = \sum_j PO_{ij}^{T1} / \sum_j PO_{ij}^{T0}$$

Finalmente, o componente diferencial (D) nos informa a diferença entre a taxa de variação efetiva de cada setor em cada mesorregião e a variação que a região teria obtido se o setor tivesse apresentado na mesorregião o mesmo desempenho que apresentou na macrorregião de referência. Ela informa se a mesorregião cresceu mais (ou menos) do que a média da macrorregião de referência em cada setor, indicando se a mesorregião tem vantagens (ou desvantagens) competitivas (ou diferenciais) em cada setor. A soma dos componentes diferenciais setoriais nos informa se a mesorregião apresentou uma performance superior ou inferior à macrorregião de referência nos distintos macrossetores (agricultura, indústria e serviços).

$$D = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{ij} - r_{it}) \quad (3)$$

Onde

$$r_{ij} = PO_{ij}^{T1} / PO_{ij}^{T0}$$

Assim, os resultados desse modelo identificarão os setores mais (menos) dinâmicos durante esse período.

Já, o coeficiente de reestruturação (Cr) é apresentado pela equação 4 e objetiva avaliar o grau de mudança na especialização da mesorregião.

$$Cr = \frac{\sum_i \left| \left(PO_{ij}^{t1} / \sum_i PO_{ij}^{t1} \right) - \left(PO_{ij}^{t0} / \sum_i PO_{ij}^{t0} \right) \right|}{2} \quad (4)$$

O Cr relaciona a estrutura do emprego por mesorregião entre dois períodos, ano base 0 e ano 1, objetivando verificar o grau de mudanças na especialização das mesorregiões em análise. Coeficientes iguais a zero indicam que não ocorreram modificações na estrutura setorial da mesorregião e iguais, ou próximos, a um demonstram uma reestruturação bem substancial.

Recebido em: 14/07/2009.

Aceito em: 23/12/2010.